**SENTIDOS E REFLEXÕES DE CRIANÇAS SOBRE UM ESPAÇO IMPROVISADO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL**

*Fabiola Alves Coutinho Gava[[1]](#footnote-1)*

 **EIXO TEMÁTICO:** Participação das crianças em pesquisas e na gestão institucional

**Resumo**

**O trabalho apresenta um recorte de dissertação de Mestrado²****, que abordou a reflexão sobre o espaço físico escolar para a educação infantil a partir dos sentidos e interações entre os sujeitos, sendo selecionado para este texto, a abordagem da participação das crianças. A natureza qualitativa da pesquisa, permitiu coleta e produção de dados junto as crianças, por meio de recursos como conversas e desenhos, revelando suas impressões quanto ao espaço escolar que lhes foi destinado.**

Palavras-Chave: Espaço escolar, espaço improvisado, educação infantil, crianças.

**Introdução**

O termo espaço apresenta diversas concepções, em diferentes áreas de estudo como a geografia, a história, a arte, a filosofia, a sociologia. Cada uma delas, preocupa-se em estruturar as especificidades do termo espaço a partir de conceitos como lugar, meio, ambiente, território, região.

Santos (1986) alerta quanto ao esforço de definição do espaço devido as variáveis formas como se apresentam o seu conteúdo através da história, destacando “a utilização do território pelo povo cria o espaço”(p.232).

Para Yi-Fu Tuan (1983), espaço e lugar, são termos familiares que indicam experiencias comuns e encontram-se intimamente relacionados sendo o elemento humano da cultura, da experiência, que abrange as diferentes maneiras através das quais as pessoas conhecem e constroem realidades.

Certeau (2008), discorre em sua obra sobre questões do cotidiano e ao tratar de espaço e lugar, indica que “o espaço é um lugar praticado”. (p. 202), e esse espaço que se apresenta a partir das “práticas comuns”, cotidianas, das artes de fazer dos praticantes, situando o sujeito como base desse espaço.

Diante das diversidades conceituais e teóricas, nesta pesquisa, optou-se por utilizar o termo espaço, visto que, esses conceitos são dependentes, intimamente relacionados e coexistem a partir das interações entre os sujeitos, suas percepções, sentidos e ações, movimentando-se, produzindo espaços e sendo produzidos por ele.

A percepção do espaço constituída a partir dos sujeitos e de suas ações e interações, apresenta uma reflexão de modo a considerá-lo não neutro, mas sim imbricado de sentidos e percepções dos sujeitos que o constituem e que são afetados pelo espaço em seus modos e práticas.

O acolhimento das crianças nos espaços destinados para a Educação Infantil com vistas a um trabalho que reconheça a criança como um sujeito de direitos é recente no contexto educativo, desse modo, o atendimento às crianças nesta etapa da educação básica, vem se compondo diante das mudanças sociais e políticas vinculadas às lutas da sociedade pela garantia de direitos, pelos estudos e pesquisas em torno da infância e pelos avanços legais quanto às políticas públicas para esta etapa da educação.

Nos dias atuais, ao se pensar nos espaços escolares, abordam- se não só a estrutura física, mas também as interações estabelecidas pelos sujeitos, que criam e recriam modos e ações diante dos espaços que lhes são destinados. Assim, este estudo nasceu das inquietações acerca da experiencia de crianças e adultos em um espaço improvisado para o atendimento da educação infantil de uma comunidade do município da Serra, no estado do Espírito Santo, no ano de 2014.

**Objetivo**

Refletir sobre o espaço escolar destinado a educação infantil a partir das interações e sentidos dos sujeitos que vivenciam, percebem e modificam o espaço que lhes é destinado, sendo que esse texto discorre sobre as vivências das crianças.

**Metodologia**

Por reconhecer os desafios de interagir nos espaços improvisados, um estudo de natureza qualitativa, com a escolha pelo estudo de caso, apontou um caminho a seguir, partindo do interesse em pesquisar uma situação singular, nesse caso os sentidos e interações dos sujeitos em um espaço improvisado para o atendimento a educação infantil.

O espaço improvisado para atender provisoriamente as crianças, era uma área cercada, que ficava em frente a antiga unidade de educação infantil da comunidade, e que passava por reforma e ampliação do seu espaço. Nesta área, distinguiu-se dois espaços: um interno (o galpão) e um externo (o “pátio”) no entorno do galpão cercado por muro e grade.

A escolha pelo estudo de caso possibilitou a utilização de várias técnicas para a coleta de dados, como a observação participante, questionário, consulta documental, entrevistas, registros fotográficos, desenhos e conversas que foram utilizados em diferentes momentos da pesquisa e com diferentes sujeitos. O período dedicado à observação no espaço improvisado se estendeu por aproximadamente quatro meses e foi fundamental para construção e reconstrução dos caminhos da pesquisa.

Com relação a coleta de dados, junto as crianças, a maior parte dos trabalhos se deu por meio da observação participante e por meio de conversas. A observação participante ocorria durante o período vespertino por três vezes na semana e as conversas com as crianças aconteciam em um horário determinado previamente com a professora da turma.

Esclarecido o objetivo da pesquisa junto a direção e profissionais da instituição, por meio de conversa, esclarecemos também as crianças sobre o objeto da pesquisa, enviando posteriormente, as famílias, um termo de autorização de participação das crianças do Grupo V (turma de crianças de cinco anos, escolhida pela curiosidade expressada com a presença da pesquisadora no espaço improvisado e pelo desejo de expressar sua opinião pela questão vivenciada). Devidamente autorizadas, validando a percepção das crianças como sujeitos, confirmamos com as mesmas sobre a sua livre vontade de participação na pesquisa, onde todas as crianças autorizadas por seus pais mostraram-se desejosas de participar, num total de 10 (dez) crianças.

**Análises e resultados**

Espaços projetados com a finalidade voltada a sujeitos específicos, são comuns a todos os setores da vida social. A escola ocupa tradicionalmente posição singular como espaço formal de ensino e possui características físicas, elementos comuns que a identificam como: salas de aula, pátio, refeitório, secretária e banheiros.

A construção, reforma ou adaptação dos espaços escolares, são dirigidos por legislações educacionais que vigoram no país, estado e município, quanto à aspectos e critérios a serem observados quanto a infraestrutura e uso destes, porém “a aceitação da necessidade de um espaço e de um edifício próprios, especialmente escolhidos e construídos para ser uma escola, foi historicamente o resultado da confluência de diversas forças e tendências.” (FRAGO, 2001, p.73)

Forças e tendências que se encontram diretamente relacionadas ao caráter social, político e histórico da sociedade, e que diante dos avanços legais do país impõem a necessidade de regulamentações que sejam estabelecidas e cumpridas, visando garantir padrões básicos de qualidade no atendimento a educação infantil.

Atualmente, contamos com documentos norteadores que indicam parâmetros e critérios de atendimento a educação infantil, quanto ao espaço destinado a esse atendimento. Porém, ainda hoje podemos encontrar situações onde nos deparamos com realidades como a apontada na pesquisa, um espaço improvisado.

Desse modo, tomando a própria criança como ponto de partida, reconhecendo-a como sujeito de direitos e permitindo que seus sentidos e reflexões tenham relevância sobre a realidade do mundo que a cerca e nesse caso, sobre o espaço escolar que lhes foi destinado as vivencias da educação infantil, ao propor que as crianças mostrassem os espaços da escola, elas logo iniciaram suas falas, de acordo com trecho da conversa transcrita na pesquisa:

[...] Criança: A gente tá estudando aqui porque a escola tá reformando, quando

ficar pronta a gente vai voltar pra lá. Lá tem parquinho com areia, tem

refeitório.

Pesquisadora: Vocês me mostram o que tem aqui?

Criança: Aqui tem pátio grande pra brincar.

Criança: “Vamô” primeiro lá na terra!

Criança: Naquele lado do pátio a gente não pode brincar, a tia não deixa.

Pesquisadora: Por que não deixa?

Criança: Porque não ! A tia falou que lá é perigoso, tem pedra, tem prego,

tem espinho...

Pesquisadora: Então vocês brincam aonde?

Criança: Aqui nesse pátio, (apontando para o chão), ali do lado (aponta para

lateral calçada do galpão),... mas sem ir brincar lá na terra. Lá a gente só vai

ver o que é que tem, e pega flor e mato pra brincar ...

Pesquisadora: Tem flor? Aonde, vocês me mostram? (crianças correm

animadas para a área de terra)

Criança: É ali perto do muro!

Criança: Perto da caixa d’água tem também! (Crianças vão até o local

indicado para procurarem)

Criança: Olha aqui! (a criança arranca uma pequena flor e me entrega).

(DIÁRIO DE CAMPO,14/04/2014)

Mesmo tendo conhecimento quanto à “proibição” do uso desse espaço, as crianças sentiam verdadeiro fascínio pelo contato com a terra e com as plantas, corroborando como destaca Tiriba (2010) que “as crianças são seres da natureza, é necessário repensar e transformar uma rotina de trabalho que supervaloriza os espaços fechados e propiciar contato cotidiano com o mundo que está para além das salas de atividades”. (p.6)

Prosseguindo com a conversa, as crianças mostravam-se empolgadas com a possibilidade de falar e de serem ouvidas quanto à questão do espaço escolar improvisado.

Pesquisadora: Onde vamos agora? (Deixo que as crianças me levem pelas

mãos).

Criança: Ali daquele lado! (apontando para a área calçada na lateral do

galpão e me levando até área)

Pesquisadora: O que vocês fazem aqui?

Criança: A gente brinca, tem cavalinho (apontando para os cavalinhos de

brinquedo que diariamente eram colocados e retirados dessa área pelas

auxiliares de serviços gerais).

Pesquisadora: Tem mais algum lugar nessa escola pra brincar?

Criança: Não. Só aqui fora no pátio, lá dentro a gente faz atividade. [...]

(DIÁRIO DE CAMPO,14/04/2014)

As principais interações que se pôde identificar entre as crianças nesse espaço escolar improvisado ocorriam por meio das conversas e brincadeiras. Também vale destacar que na área externa, no “pátio”, as interações entre as crianças ocorriam com mais autonomia, e que as crianças buscavam explorar todos os cantos que esse espaço permitia, apesar da preocupação dos adultos com o uso do espaço, criando e propondo brincadeiras entre seus pares, utilizando os escassos brinquedos que eram dispostos nesse local ou utilizando-se da imaginação e criatividade para superar a inadequação do espaço que lhes foi destinado, propondo e inventando brincadeiras e brinquedos como se pode acompanhar no trecho da observação descrita:

[...] As crianças estão na área de terra do espaço externo, caminham nessa

área observando o mato que crescia e as pequenas pedras e cascalhos que

encontravam, começam a explorar uma área que os adultos do CMEI

pediam que não utilizassem devido à preocupação com os riscos de que as

crianças se machucassem. Passaram a explorar os objetos e elementos

que encontravam. Começaram a escavar o chão com cacos de tijolos, e

perguntei “O que estão fazendo?” As crianças sorriem e uma delas

responde: “Estamos brincando de caçar um tesouro” Mais a frente um outro

grupo de crianças demarca uma pequena área no chão e diz “Vamos jogar

de “bolinha de gude, eu começo” e assim surge uma nova brincadeira com

pequenas pedras recolhidas nessa área. Posteriormente uma professora

aproxima-se das crianças que encontram-se mais afastadas da área

calçada e diz “ Já falei que não dá pra brincar aqui, tem espinho tem prego

e vocês podem se machucar”. As crianças que brincavam de “bolinha de

gude”, afastam-se da área de terra e procuram brincar nos cavalinhos na

área calçada (DIÁRIO DE CAMPO, 21/05/2014).

**Considerações finais**

Todos os anos, noticia-se na mídia, a necessidade e preocupação das famílias, comunidades e profissionais da educação quanto aos espaços físicos destinados ao atendimento à educação infantil referente à reforma e construção de espaços apropriados aos sujeitos que o vivenciam cotidianamente.

A educação infantil no país viveu intensos avanços nos últimos anos referentes aos ordenamentos legais que explicitaram direitos da educação destinada às crianças. Junto às conquistas legais, acompanhou-se um crescente número de estudos e pesquisas na área da educação infantil em diferentes abordagens investigativas que por diversas vezes buscaram captar as vozes que ecoam nos espaços escolares sobre a temática da educação.

Este trabalho apresenta um recorte de pesquisa desenvolvida com o objetivo de refletir sobre o espaço escolar destinado a educação infantil a partir das interações e sentidos dos sujeitos vivenciam, percebem e modificam o espaço que lhes é destinado, e neste recorte os sujeitos apresentados são as crianças, revelando sua participação na pesquisa por meio de suas falas, de suas rotinas e de suas brincadeiras no espaço improvisado que lhes foi destinado.

Destaca-se que as interações entre adultos e crianças e entre crianças e seus pares na busca de estratégias e táticas na vivência do cotidiano no espaço improvisado, apontaram para sentidos sobre o espaço escolar, sentidos que envolveram a coletividade e a criatividade nas relações. Nas interações por meio das brincadeiras, as crianças buscaram criar de modo inventivo outras possibilidades de fazer, de aprender e de viver no espaço improvisado, transformando-o e ressignificando-o em suas experiências cotidianas, explicitando também sentidos sobre espaço escolar e educação infantil, revelando os olhares de quem vive esta etapa da educação básica.

A atenção quanto aos espaços escolares, e as suas estruturas físicas, tempos e rotinas, destinados à educação infantil, devem considerar prioritariamente os sujeitos que o vivenciam, portanto ao se pensar o espaço é necessário compreender as questões de estrutura física e material, mas também é primordial que haja espaço de participação por meio da escuta da fala dos sujeitos da educação infantil, adultos e crianças.

Cotidianamente, os espaços escolares destinados à educação infantil, sejam eles improvisados ou planejados, são significados e ressignificados por meio das práticas e vivências coletivas dos sujeitos que ali vivem e convivem, os espaços para a educação infantil constituem-se em espaço de interações importantes para ampliar as experiencias da infância, portanto é importante ouvir as crianças quanto a essa temática.

**Referências bibliográficas**

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. 2010.

\_\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Indicadores da qualidade na educação infantil. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2009.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KRAMER, S.; LEITE, I. Infância: fios e desafios da pesquisa. 12. ed. Campinas: Papirus, 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto, CERISARA, Ana Beatriz. Crianças e Miúdos. Portugal: ASA, 2002.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: as crianças: contextos e identidades. SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel (Coord.). Braga: Universidade do Minho – Centro de Estudos da Criança, 1997.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 3ª edição. São Paulo: HUCITEC, 1986.

VIÑAO-FRAGO, A., ESCOLANO, A. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 2001.

TIRIBA, Lea. Crianças da natureza. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010. http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file acesso em 17/12/2019.

TUAN, Yi Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

1. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do CEI Criarte/CE/Ufes, Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional (Faculdade Vale do Cricaré). Vitória, Espírito Santo, Brasil. Contato: fabiola.acg@gmail.com

² Pesquisa de Mestrado intitulada “Espaço e educação infantil: o cotidiano de interações e sentidos em um espaço improvisado” (GAVA, 2015). [↑](#footnote-ref-1)